

ubu

Recusa do não-lugar

**Juliano
Garcia
Pessanha**

POSFÁCIO
Cláudia Maria de Vasconcellos

*Calamidades humanas,
boa oportunidade para o ser!*

PETER SLOTERDIJK

*Às goteiras e rachaduras,
que escancararam a urgência*

11 APRESENTAÇÃO

- 15** 1. O mundo estranhado: esboço de filosofia fisionômica
- 26** 2. De um lado a outro do entre
- 42** 3. Sloterdijk: pensador do Dentro
- 69** 4. Nascer para dentro, nascer para fora: a mãe
- 88** 5. Satélites
- 96** 6. Para humanizar Heidegger: três variações
- 110** 7. O íntimo e o êxtimo
- 142** 8. Refrões
- 152** 9. Nascer para dentro no mundo de hoje

167 POSFÁCIO

As coisas que estão no mundo

177 Referências bibliográficas

189 Sobre o autor

Apresentação

Este livro trata da determinação existencial e do anseio de se ter um “eu”. Como alguém acolhe a determinação existencial e cabe no mundo? Em meus textos anteriores¹ eu não pude responder bem a essa pergunta por falta de repertório adequado para pensar positivamente. Excluindo essa diferença de foco, *Recusa do não-lugar* – um híbrido de filosofia, caso clínico e literatura testemunhal – dá sequência a um pensamento de transições e passagens do Fora ao Dentro, da exclusão à inclusão. Exclusão e Fora dizem respeito a uma posição na qual não se atinge intimidade com o mundo, nem consigo mesmo. As obras de Kafka e Blanchot são paradigmáticas dessa posição instável, e quem a celebra tem dificuldade de explicitar posições mais estáveis no interior de mundos instituídos. A escrita que se amiga do Fora dignifica o abismo, o self negativo e a incandescência da palavra poética, e não consegue pensar o sossego e a comodidade de quem chegou a si e ao mundo. Este livro tenta guardar a passagem entre esses dois lugares – e isso não acontece sem um doloroso atrito. Não há como pensar a determinação existencial e o encontro humano, fazedor

¹ *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), publicados pela Ateliê Editorial e reunidos em 2015 no volume *Testemunho transiente* pela Cosac Naify.

do “eu”, sem realizar uma crítica do self negativo e de sua mística. Se o self esvaziado vê o mundo como algo a ser guardado no sopro do poema, o “eu” acontece porque toma o mundo para si, apropria-se dele. Caminhar entre essas posições é a tarefa do pensamento ontotopológico, ou seja, de uma filosofia que recolhe os lugares por onde o corpo do autor passou e, por isso mesmo, irrefutável: nada mais que a narrativa de um destino.

O capítulo 1, “O mundo estranhado: esboço de filosofia fisionômica”, mostra a gênese do self negativo, examinando o caso Nietzsche. O texto foi apresentado pela primeira vez como performance e baseia-se na ideia de emprestar a própria ferida e suas marcas para ler os autores a partir de comunhões de posição. Já o capítulo 2, “De um lado a outro do entre”, explicita a transição ontotopológica: passar de um lado a outro do entre é poder soletrar as obras de Martin Heidegger e de Peter Sloterdijk. Essa passagem e a mudança de afeto nela envolvida, bem como suas consequências, são o acontecimento filosófico decisivo do presente. O capítulo 3, “Sloterdijk: pensador do Dentro”, apresenta a esferologia sloterdijkiana, suas matrizes winnicottianas e uma micro-história. Há muitas citações nesse capítulo, porém decidi não citar o original, embora ao longo de quatro anos eu tenha lido em alemão tanto as *Esferas* como os principais comentários sobre o autor. Para mim, foi fundamental jamais ter chegado a um domínio completo do idioma de Goethe, o que me coloca numa relação de exterioridade em relação à filosofia e me obriga a abordá-la sempre de fora. Excluído permanentemente do que amo – a filosofia alemã! – sou constrangido a uma relação mais profunda com a filosofia e estou impedido de mimetizá-la e carimbá-la, como

é praxe nos círculos acadêmicos reconhecidos como competentes. No caso deste livro, minha imaturidade, no sentido paradoxal de Gombrowicz, que a elogia, me possibilita olhar os filósofos como crianças, que ocupam lugares numa linha ontotopológica. Esquemáticamente, essa linha horizontal, que corre da esquerda para a direita, contém o Fora, o Entre e o Dentro (em outras palavras, o Nada, o Umbral e o Mundo). O capítulo 4, “Nascer para dentro, nascer para fora: a mãe”, é meu autorrelato clínico, a história de alguém que foi jogado para fora. Eu devia isso aos meus leitores para poder tirar o self negativo da bandeja de prata blanchotiana e alocá-lo no escaninho das tragédias humanas. Esse testemunho é o umbigo existencial do livro. O capítulo 5 é composto de aforismos que giram ao redor da temática dos ensaios. O capítulo 6, “Para humanizar Heidegger: três variações”, trata ontotologicamente do pensador da Floresta Negra. Tal abordagem binocular inclui os dois lados do entre e permite desmonumentalizar, humanizar e desmistificar o mago de Meßkirch ao apreender seu lugar. Se na maior parte das vezes a tecnicidade filosófica apenas duplica a fala e a letra, sem explicitar a posição, a escrita topológica vai direto ao *lócus* de um pensamento sem necessidade de exegeses intermináveis. Acessar o lugar de um pensamento é o único modo de honrá-lo e também de superá-lo. O capítulo 7, “O íntimo e o êxtimo”, discute a analítica da intimidade e critica o elogio da extimidade e o romantismo da psicose na filosofia francesa do pós-guerra. O capítulo 8 ressoa ao modo aforístico as proposições centrais do livro. Na sequência, o capítulo “Nascer para dentro no mundo de hoje” amplia o autorrelato do capítulo 4 e mostra o destino do pastor do ser na atuali-

dade, por meio da história de uma ausência de transição e uma promessa fracassada.

Pelo resumo dos capítulos nota-se que, embora o livro trate de Nietzsche, Heidegger, Winnicott e Musil, entre outros, o autor-chave é Peter Sloterdijk. Nesse sentido, pode ser lido como uma pequena introdução ao pensamento desse filósofo, porém o mais correto seria lê-lo como um ensaio sobre a transição do Fora ao Dentro, da fronteira ao mundo e do desencontro ao encontro com Sloterdijk e não apenas sobre ele. O livro é também o início da climatização deste autor no interior cronificado da tecnosfera e a despedida de suas antigas ilusões revolucionárias.

1

O mundo estranhado: esboço de filosofia fisionômica

Quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã – crer-me aparentado a tal canaille seria uma blasfêmia a minha divindade. [...] A proximidade fisiológica torna possível uma tal disharmonia praestabilita... Confesso que a mais profunda objeção ao “eterno retorno”, que é o meu pensamento verdadeiramente abismal, são sempre minha mãe e minha irmã.

NIETZSCHE, ECCE HOMO

É estranho que tudo o que eu, Nietzsche, encontrei logo que cheguei ao mundo estava em estado de atrofia e diminuição.¹ Meu corpo chegou pulsando vitalidade, já o

¹ Esta leitura de Nietzsche é inspirada nos textos de Sloterdijk a partir da publicação da trilogia *Esferas*. O “método”, entretanto, re-

Sobre o autor

JULIANO GARCIA PESSANHA nasceu em São Paulo, em 1962. Após abandonar o curso de direito no Largo São Francisco, graduou-se em filosofia. É mestre em psicologia (PUC-SP) e doutor em filosofia (USP). Autor de *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), publicados pela Ateliê Editorial. Recebeu o prêmio Nascente (Abril-USP) nas categorias poesia e ficção, em 1997, e o Grande Prêmio da Crítica da APCA na categoria Literatura, em 2015, por *Testemunho transiente*, reunião de sua tetralogia pela Cosac Naify. Sua obra é marcada por um hibridismo de gêneros, entre eles, ensaio, conto, aforismo, heterobiografia e heterotanatografia. Tece estreito diálogo com a literatura, a filosofia e a psicanálise, em busca de dizer as coisas em registros múltiplos de enunciação. É professor e dirige grupos de estudo de filosofia.

© Ubu Editora, 2018

© Juliano Garcia Pessanha, 2018

Coordenação editorial Florencia Ferrari

Preparação Cristina Yamazaki

Revisão Débora Donadel

Assistentes editoriais Isabela Sanches e Júlia Knaipp

Design Elaine Ramos

Assistente de design Lívia Takemura

Produção gráfica Lília Góes

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pessanha, Juliano Garcia [1962-]

Recusa do não-lugar: Juliano Garcia Pessanha

Sao Paulo: Ubu Editora, 2018

192 pp.

ISBN 978-85-92886-64-6

1. Ficção brasileira 2. Filosofia 3. Ensaio 4. Memórias

I. Título

CDD 869.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.4

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo sp

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br

Fonte Tiempos

Papel Pólen soft 80 g/m²

Gráfica Intergraf